

A LUDICIDADE E A ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE LINGUAGEM

Andréia Dutra Escarião (1); Evangelina Maria Brito de Faria (4)

(Universidade Federal da Paraíba)

(aescario@gmail.com)

Resumo: Pensar uma educação para crianças pequenas pede de nós um olhar cuidadoso sobre as questões que envolvem a escola infantil. Neste artigo temos o objetivo de levantar alguns posicionamentos acerca da ludicidade como ponto de partida para o desenvolvimento da fala no espaço da escola infantil. Para tal, discutiremos a luz de alguns teóricos como Vygotsky (2010), Faria (2009), Kramer (2007), assim como, alguns Documentos do MEC que discutem a organização, o planejamento e as orientações para a educação infantil. O interesse no estudo surge a partir dos desafios que cercam a discussão, levando em consideração a história de descaso que marca a educação infantil, o brincar ainda compreendido como algo de menor importância, e as práticas educativas que privilegiam a linguagem escrita em detrimento da linguagem oral. Sabemos que o brincar é um direito da criança, esta compreendida como um sujeito social ativo, que se constitui através da interação, das relações que estabelece com a cultura, e com o meio social em que está inserido. As práticas educativas que permitem a construção de espaços de brincar que privilegiam o desenvolvimento da linguagem oral, se apresentam, no nosso entendimento, como caminhos na busca por uma educação de qualidade. A discussão aqui apresentada é parte da construção teórica da Tese de Doutorado no Programa de Pós Graduação em Linguística da UFPB. A partir da discussão levantada, podemos inferir a essencialidade da inserção do lúdico no espaço da escola infantil, como prática de fundamental importância no desenvolvimento da linguagem da criança pequena, assim como, para o seu desenvolvimento pleno.

Palavras chave: Brincar, linguagem oral, educação infantil.

Introdução: A escolha dessa temática se deu a partir do interesse em aprofundar os estudos sobre a criança pequena, o brincar e a sua relação com o desenvolvimento da fala na educação infantil. Os estudos da linguística são importantes e relevantes para profissionais de todas as áreas, principalmente para os educadores que exercem o seu fazer profissional com base no diálogo interacionista e contextualizado. A função da escola é socializar o conhecimento e formar pessoas para viverem socialmente valendo-se da comunicação entre si mesmos, as demais pessoas e a natureza. O que percebemos é que a escola nem sempre favorece essa comunicação na educação da criança pequena. Diante disso, é nosso objetivo refletir sobre a relevância da ludicidade no espaço da escola infantil, como meio de auxiliar o desenvolvimento da linguagem. Os estudos sobre a linguagem infantil vêm sendo realizados por vários teóricos-pesquisadores da linguística, Scliar-Cabral, Marcuschi, Vygotsky, entre outros, da educação, da psicologia, da psicopedagogia, e outras áreas do desenvolvimento. Pensar numa escola infantil que favoreça a construção da linguagem oral da criança pequena exige do educador relacionar esse aspecto à brincadeira, a uma prática pedagógica que objetive desenvolver todas as atividades em função do aprender brincando, levando em consideração o princípio de que a criança tem direito a esse brincar. Sabemos que ainda são muitos os desafios referentes à Educação Infantil, as suas políticas públicas e por isso, a

necessidade de discussão permanente. Quando destacamos as lutas por uma Educação Infantil de qualidade, precisamos entender que não há como falar em desenvolvimento da linguagem oral, aprendizagem e educação, sem entender que o brincar é um direito, estabelecido pela Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959), e um princípio fundamental que envolve a discussão da problemática no âmbito da Educação Infantil. Ligadas a esta problemática emergem algumas questões cujas respostas seriam indicadoras da possibilidade do brincar incidir no desenvolvimento da linguagem oral, repercutindo na qualidade da educação infantil e no desenvolvimento pleno da criança. Socializamos as nossas inquietações: A escola infantil caracteriza-se como espaço de desenvolvimento da linguagem oral da criança pequena através do brincar? É dada a real importância à fala da criança? A escola infantil desenvolve atividades de brincadeiras que favorecem o desenvolvimento da linguagem oral da criança? E a partir desses questionamentos que indicam uma problemática que envolve a escola, o professor, a criança pequena, se faz necessário embasar teoricamente os estudos sobre a criança da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem oral através do brincar. **Metodologia:** Como meio de atender aos objetivos aqui citados, este artigo apresenta uma revisão bibliográfica da temática em questão. **Discussão e resultados:** Embora seja comum nos depararmos com situações que envolve a ludicidade na escola infantil, é comum que esse brincar não esteja completamente integrado com ações que envolvam o aprendizado da criança, sobretudo, se pensarmos no desenvolvimento da linguagem oral, que também é, na maioria das vezes, vista como algo natural, não sendo necessária a sua inserção nas práticas pedagógicas. A escola infantil é o espaço em que a criança passa bastante tempo, por conseguinte, é necessário que, aos olhos da própria criança, seja um espaço acolhedor, agradável, e ao mesmo tempo desafiador e instigante. (ESCARIÃO, 2009). Neste sentido, é relevante pensar na escola infantil como um espaço que privilegie o brincar, as práticas interativas que auxiliem no desenvolvimento da fala, e que permitam assim, a expressão da criança. Sabemos que pensar esta escola infantil, levando em consideração estes aspectos, e percebida como um espaço que favorece o desenvolvimento da linguagem oral através do brincar é bastante desafiador. Inicialmente precisamos compreender o desenvolvimento da linguagem a partir de uma discussão mais ampla, e compreender as relações que podem ser estabelecidas com o brincar. Também é essencial destacar que historicamente tem se negado socialmente a fala da criança, esta é uma marca que ainda se apresenta nas práticas dos profissionais que trabalham com crianças pequenas, atribuindo-lhes um caráter passivo e reprodutor, tornando-se comum atividades em que é exigido que as crianças fiquem em silêncio. Contrariando essa ideia, Gonçalves (1990) enfoca que a criança vai construindo

a sua visão de mundo e do ambiente escolar que a cerca através de uma relação que supõe participação ativa com os professores, com as outras crianças, e com ela mesma, de modo que os significados que ela já vem elaborando ao longo do seu desenvolvimento, são confrontados com outros significados que permeiam a escola. Neste sentido, o brincar assume um importante papel no desenvolvimento da linguagem oral, na medida em que favorece a interação da criança com outras crianças, com os adultos envolvidos no processo de aprendizagem, permite que a criança vivencie situações, assim como, favorece o reconhecimento do espaço em que está ocorrendo à brincadeira, promovendo o desenvolvimento das suas linguagens, o que inclui a linguagem oral, foco da nossa discussão. É preciso compreender a nossa linha de pensamento numa perspectiva que favoreça o entendimento da ludicidade como um instrumento de desenvolvimento da linguagem oral da criança no espaço da escola. É importante ressaltar que desde o nascimento a criança encontra meios de comunicar-se, faz isso através dos gestos, do choro, do grito, das expressões faciais e corporais, e ao chegar na escola infantil, traz consigo vivências, experiências relativas ao seu contexto social e cultural que interferem no processo de desenvolvimento da sua linguagem oral. Podemos afirmar que a linguagem é essencial para promover a interação, as expressões e os significados que a criança dá ao que está no seu entorno e a respeito de si mesma e do outro. Sendo assim, é imprescindível promover ações que favoreçam esse desenvolvimento, que promovam espaços e práticas que privilegiem a aquisição da linguagem oral no espaço da escola. Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil recomenda que:

(...) o trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil dada a sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações da criança, na construção e muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. (RCNEI, 1998, P.117)

Podemos afirmar que as Instituições de Educação infantil se apresentam como um *locus* significativo de valorização de práticas que promovem a interação a partir de várias estratégias que potencializam o desenvolvimento da linguagem oral das crianças. O que nos interessa enfatizar dentre essas práticas interativas presentes neste espaço privilegiado de ações desenvolvidas para as crianças pequenas, é o momento da brincadeira. MATOS (2010), afirma que quando falamos em educação infantil, ainda encontramos algumas resistências para tratar com a devida valorização o desenvolvimento da oralidade. Alerta para o fato de que a escola desprestigia a oralidade, vista, na maioria das vezes, como um pretexto para trabalhar e supervalorizar a escrita. Nesse sentido, fica evidente que a nossa cultura está fundamentada numa cultura letrada escrita, e esta vem se

apresentado de forma avassaladora sob a prática didática dos professores na educação infantil. Desse modo, as práticas docentes que favorecem o desenvolvimento da oralidade se apresentam de formas aligeiradas, e apenas como base para a aquisição da escrita.

Para Marcuschi (2001, p. 37),

A fala tem sido vista na perspectiva da escrita e num quadro de dicotomias estritas porque predominou o paradigma teórico da análise imanente ao código. Enquanto a escrita foi tomada pela maioria dos estudiosos como estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata, a fala era tida como concreta, contextual e estruturalmente simples.

Vale salientar que as propostas para a Educação Infantil não enfatizam o aprendizado da língua escrita de forma isolada, estão pautadas nas ações que visam o desenvolvimento pleno das crianças, de modo a propiciar espaços em que seja permitido viverem as suas experiências relativas a infância. Assim, na Educação Infantil é preciso que as práticas favoreçam espaços em que a criança possa se expressar amplamente, aqui enfatizamos a linguagem oral, a partir dos significados que constrói na vivência que estabelece sócio e culturalmente e que se expressam através do brincar. Essas expressões podem ser incentivadas na escola infantil considerando as diversas formas de intervenção pedagógica, o que inclui o brincar nas suas inúmeras formas de representação. Nesta perspectiva, ressaltamos:

A escola ao utilizar diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita), ajustadas as diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva. (RCNEI, vol. 1, p.63)

Segundo Faria e Cavalcante (2010), o RCNEI reafirma a ideia de que para eleger a língua oral como conteúdo escolar, se faz necessário pensar os planejamentos didáticos pedagógicos no sentido de garantir espaços na sala de aula que privilegiem atividades que promovam a fala, a escuta e a reflexão sobre a língua oral. As atividades lúdicas devem ser inseridas no planejamento didático, e a sua execução deve ser constantemente refletida, repensada, o professor precisa se perceber durante a prática, para assim, tornar a sua ação numa prática que favoreça o desenvolvimento da linguagem oral da criança. Sobre isso, Friedmann (2005) afirma que o brincar pode ser considerado como uma linguagem que as crianças utilizam para se comunicarem entre si e com os adultos. Com esta

linguagem as crianças representam de forma inconsciente o real e faz-se necessário, portanto, ouvir, decifrar e compreender essa linguagem.

No ato de brincar, o ser humano se mostra na sua essência, sem sabê-lo, de forma inconsciente. O brincante troca, socializa, coopera e compete, ganha e perde. Emociona-se, grita, chora, ri, perde a paciência, fica ansioso, aliviado. Erra, acerta. Põe em jogo seu corpo inteiro: suas habilidades motoras e de movimento vêm-se desafiadas. (FRIEDMANN, 2005, p. 88)

Seguindo essa linha de pensamento, entendemos que a linguagem deve ser reconhecida como forma de garantia da expressão da criança percebida enquanto sujeito social, ativo, participativo, e construtor de cultura, através da brincadeira. Segundo Jobim e Souza (1994, p.21), é a linguagem, e por meio dela, que caracteriza e marca o homem como sujeito da própria realidade. Diante disso, podemos afirmar que a brincadeira é uma atividade própria da criança, e através dela, vai desenvolvendo a sua linguagem, construindo a sua identidade infantil, expressando as suas ideias, atendendo, conseqüentemente, às suas necessidades, e expressando o seu pensamento sobre as elaborações que faz a respeito do que está a sua volta. De encontro a isso, ainda percebemos práticas que privilegiam o silêncio, a ordem, a necessidade de tolher o movimento e a livre expressão da criança, nos levando a perceber a urgência da discussão com o objetivo de possibilitar espaços de fala para que a criança tenha a oportunidade de expressar, através do seu modo de usar a linguagem, o seu pensamento e percepção das coisas significativas para ela. Ainda que saibamos os desafios que temos pela frente devemos enfatizar que muito se tem discutido sobre o brincar, porém o que impulsiona o fortalecimento dessa discussão é a necessidade de que esse brincar seja, de fato, entendido como um direito da criança e que seja compreendida a sua fundamental importância no desenvolvimento da linguagem oral no espaço da escola. A Declaração Universal dos Direitos da Criança, aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1959, no artigo 7º, ao lado do direito à educação, enfatiza o direito ao brincar: “Toda criança terá direito a brincar e a divertir-se, cabendo à sociedade e às autoridades públicas garantir a ela o exercício pleno desse direito”. O RCNEI (1998) reforça essa afirmação expressando que é necessário a escola infantil ressaltar, em seu planejamento, a utilização da brincadeira como eixo fundamental da atividade pedagógica. O professor deve compreender que à medida que brinca, a criança cria um espaço onde poderá experimentar o mundo e construir uma compreensão única sobre as pessoas, os sentimentos e os infinitos conhecimentos. Entendemos que para falar de desenvolvimento da linguagem oral na escola infantil, é preciso pensar numa escola onde o brincar seja valorizado, permitido e entendido

como um direito que não pode ser negado à criança. É preciso ainda que a criança seja respeitada como um ser social, atuante, construtora de cultura, possuidora de características próprias, reconhecendo-a como sujeito ativo no processo de desenvolvimento da linguagem. Ainda que o foco da nossa discussão seja o desenvolvimento da linguagem oral, não podemos, e nem temos a pretensão de desvincular o as práticas de educação infantil do processo de letramento. Desse modo, quando pensamos no brinquedo como um signo, podemos inferir a sua importância no processo de letramento da criança, como destaca Faria (2010), é preciso pensar o conceito de letramento entendendo a sua complexidade ao envolver práticas de leitura e escrita que se relacionam com as práticas sociais de uma sociedade. Desse modo, as crianças estão inseridas em práticas de letramento desde muito cedo, através das situações próprias do dia a dia. Nas palavras da autora:

O conceito de letramento é complexo e amplo, porém o processo em si é muito próximo de todos nós. Pensemos um pouco: folhear uma revista, recortar nomes, colocar o nome do bebê na porta do quarto, passar por uma propaganda ao cruzar uma rua, ver rótulos em supermercado etc. poderíamos enumerar inúmeras outras ações que envolvem letramento, (p.158).

Sendo assim, não há como distanciar a criança pequena desse mundo letrado em que está inserida, conseqüentemente, e por este motivo mais ainda, do uso de atividades lúdicas como ferramenta neste processo, já que por meio da brincadeira a criança cria e recria situações vivenciadas, cria e reinventa histórias a partir da sua experiência e da relação que estabelece com as pessoas, com o próprio brinquedo e com a cultura. A criança usa o brinquedo para significar o mundo, dessa forma, o brinquedo torna-se a linguagem da criança antes mesmo da sua expressão através da linguagem oral. Segundo Silveira e Afonso (2009, p. 80), “Quando as crianças são bem pequenas, os objetos tendem a ditar o que elas têm que fazer. [...] A criança vê uma cadeira e senta, um microfone e começa a cantar ou a falar. Brougère (2004, p. 266) chama esse fato de força motivadora dos objetos. Sendo assim, o brinquedo carrega inscrito em sua forma, design, cor, determinada carga cultural de maneiras de brincar. Para o autor, o uso do brinquedo é complexo, trata-se de uma produção de sentidos que parte de uma cultura e de ações preexistentes, porém, não há como negar a criança a sua condição de sujeito ativo, construído histórico e culturalmente, e por isso, afirmamos a ressignificação dada ao brinquedo no momento da brincadeira. Como afirma Kramer (2007), “[...] as crianças, em sua tentativa de descobrir e conhecer o mundo, atuam sobre os objetos e os libertam de sua obrigação de ser úteis.” Dessa forma, sentem-se livres para através da imaginação, da criatividade e pautados pela vivência cultural, inventarem brincadeiras e usarem o brinquedo a partir da sua experiência.

Mesmo quando não imita os utensílios dos adultos, o brinquedo é uma confrontação – não tanto da criança com o adulto, como deste com a criança. [...] Mesmo que a criança conserve uma certa liberdade de aceitar ou rejeitar muitos dos mais antigos brinquedos (bolas, arcos, rodas de penas, papagaios) de certo modo terão sido impostos à criança como objeto de culto, que somente graças a sua imaginação se transformam em brinquedos. (BENJAMIN, 1987, p. 250)

Assim, vemos a criança a partir da sua natureza histórica e social, pertence a um contexto, e as suas brincadeiras expressam características desse grupo em que faz parte, favorecendo a construção da sua linguagem, como afirma Sarmiento (2007) ao discutir a infância enquanto categoria social o autor coloca a criança na condição de sujeito que está em constante ação com o mundo, sempre mediada pela cultura. O contexto em que está inserida interfere na sua ação, e na expressão através da sua linguagem, assim como, a sua ação também é transformadora desse contexto, conseqüentemente, a escola precisa ser pensada levando em consideração essa realidade, de modo que a criança sinta que faz parte dela, de modo que encontre espaços de expressão através da linguagem, e se reconheça como participante ativo do processo de aprendizado. Através do brinquedo, geralmente a criança se sente instigada a descobrir, conhecer, inventar, Segundo Huizinga (2001, p.10), “o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos.” **Conclusão:** Ainda são muitos os desafios a enfrentarmos na caminhada em defesa do uso da brincadeira, das atividades lúdicas, como meio de desenvolver a linguagem. Entre alguns motivos, podemos destacar o fato da brincadeira ser historicamente vista como passatempo, como algo não importante, sendo permitida apenas na hora do recreio, ou sendo pouco utilizada na sala de aula. Borba (2007) respalda essa ideia quando afirma que a brincadeira é avaliada por muitos como perda de tempo, como o contrário de coisa séria, como o oposto ao trabalho, e por isso, não estando vinculada ao que é produtivo, se qualifica como atividade de menor importância. Para Benjamin (1987), as ações vinculadas a experiência estão cada vez mais em baixa, estamos pobres de experiências comunicáveis. O autor afirma “O mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da geração anterior e se confronta com eles; o mesmo ocorre com as suas brincadeiras.” (p. 250). Apropriando-nos da ideia de Benjamin sobre ações comunicáveis, fazemos uma reflexão sobre o quanto as escolas perdem a oportunidade de proporcionar experiências de diversas naturezas para as crianças, relacionadas ao esporte, a arte, a música, a dança, entre tantas outras. Essas experiências se transformam em situações comunicáveis onde a criança faz uso da própria ação para se expressar através da linguagem. Desta forma, ressaltamos a importância do brincar como instrumento relevante nas atividades pedagógicas, de forma que leva a

criança a desenvolver a linguagem oral, podendo expressar a sua criatividade, o seu pensamento, e a sua percepção acerca do mundo e das situações a sua volta.

Referências:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. V.1 Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

ESCARIÃO, Andréia Dutra. O que pensa a criança pequena sobre a escola infantil. João Pessoa, 2009. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba.

FARIA, Evangelina Maria Brito de. **Educação infantil: espaços, ações e linguagens**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

_____. (org). **A criança e as diversas linguagens na educação infantil**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2009.

FARIA, Vitória e SALLES, Fátima. **Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica**. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

FRIEDMANN, Adriana. **O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GONÇALVES, Marlene F. Carvalho. **Se a professora me visse voando ia me pôr de castigo – a representação da escola feita pela criança de baixa renda em sua primeira experiência discente**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da UNICAMP, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin – Campinas**, SP: Papirus, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brinquedo na educação: considerações históricas**. Série Idéias n. 7. São Paulo: FDE, 1995.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MATOS, Denilson P. Oralidade na educação infantil: ainda há obstáculos a superar. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de (Org.). **Educação infantil**: espaços, ações e linguagens. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

ONU. Declaração Universal dos Direitos das Crianças. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm. Acesso em: 15/06/2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera M. R. de.; SARMENTO, Manuel Jacinto. (orgs). **Infância (in) visível**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007.

SILVEIRA, Maria Claurênia de Abreu de Andrade; AFONSO, Maria Aparecida Valentim. Ludicidade e corporeidade: brincadeiras na infância. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de. (org). **A criança e as diversas linguagens na Educação Infantil**. João Pessoa: Editora universitária/UFPB, 2009.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Sistema Scliar de Alfabetização – **Roteiros para o professor**: 1º Ano. Florianópolis: Editora Lili, 2013.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.